

# ILUSTRAÇÃO



# NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA

POR

**CÂNDIDO DE FIGUEIREDO**

Da Academia das Ciências de Lisboa, da Academia Brasileira de Letras, da Real Academia Espanhola, da Sociedade Asiática de Paris, da Academia de Jurisprudência de Madrid, do Instituto de Coimbra, etc., etc.

**14.<sup>a</sup> EDIÇÃO** (Actualizada na grafia e ampliada  
com cerca de **25 mil vocábulos**)

**O Novo Dicionário, redigido de harmonia com os modernos princípios da ciência da linguagem, e em que se contém mais do dobro dos vocábulos até agora registados nos melhores dicionários da língua portuguesa, é o mais actualizado, autorizado e completo**

«O Dicionário de Cândido de Figueiredo, sucessivamente melhorado, ampliado e trabalhado pelo seu autor, é hoje, sem dúvida, o melhor dicionário da língua portuguesa; o mais opulento, o mais «vivo», e, tecnicamente, o mais perfeito.»

«Entendo que a solução dada ao problema pelos Editores do Novo Dicionário, enriquecendo e actualizando este instrumento de consulta, constitui um relevante serviço à linguagem portuguesa e uma homenagem prestada ao nome glorioso de Cândido de Figueiredo.»

JÚLIO DANTAS

«Tarefa ingrata e inglória a de organizar um grande dicionário. Poucos apreciam o trabalho heróicamente miúdo que ela exige; muitos se apressam a criticar com entono uma ou outra humana e inevitável imperfeição, e não se lembram de agradecer milhares de acertos pacientes e beneméritos. Tem-se por vezes notado que os que nunca fizeram nada são os mais pontuais em pôr embargos ao resultado do esforço de quem fez alguma coisa, e o melhor que pôde.»

AGOSTINHO DE CAMPOS

A obra completa **2 grossos volumes** no formato de 27×19 com **2 600** páginas

Encadernação luxuosa em percalina com lombada em pele gravada e títulos a ouro, Esc. **750\$00**

Pelo seu desenvolvimento é considerado este dicionário  
verdadeiro monumento da língua portuguesa

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

**73, Rua Garrett, 75 - LISBOA**

# ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director: DR. VITORINO NEMÉSIO

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores a fim de se manter uma perfeita actualidade nos diversos campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

MUITOS viajantes do século XIX—e até dos nossos dias—, ao percorrerem os Açores, têm-se mostrado deveras impressionados com os muros altos que defendiam as propriedades, sobretudo residências de Verão e pamares, atribuindo-se a razão de tais sistemas de defesa não apenas à idiossincrasia dos insulares e, portanto, ao hermetismo do seu *modus-vivendi*, mas principalmente à necessidade de cautela contra os ladrões.

É muito possível que esses factores tenham contribuído para o levantamento de muitas dessas «murallas», mas também se mostra igualmente possível que as mesmas tenham resultado da necessidade de acomodar a muita pedra retirada dos terrenos e da necessidade, de defender as propriedades contra os ventos. O que se verifica, por exemplo, na região central da ilha de S. Miguel—tão castigada de lavas; nas regiões terceirenses dos Biscoitos e de Porto Martins, na Graciosa, no Pico e na região noroeste do Faial, confirma-nos, em grande parte, estas duas últimas razões.

Frutuoso já nos fala, por exemplo, de algumas quintas micalenses do século XVI, rodeadas por altos muros, como a de Francisco Ramalho, a noroeste de Ponta Delgada—o que talvez se possa explicar como uma medida de segurança contra a fuga dos criados e dos escravos que trazia ao seu serviço, a deduzir a descrição que nos faz do processo de os trancar de noite na «lôgea da sala».

A tradição dos muros altos terá, portanto, as suas raízes nessa preocupação de dificultar, quanto a certas propriedades, não só o acesso como igualmente a evasão.

O costume terá vingado a ponto de, nos séculos XVII e XVIII, os próprios muros que ladeavam os portões dos pátios de acesso a vários solares resultarem bastante altos e pesados—o que, com as largas folhas de madeira dos mesmos portões, fazia com que tais pátios semelhassem verdadeiros claustros. Temos, nos Açores, exemplos abundantes dessas entradas, não só nos solares, mas ainda nas quintas dos arredores das cidades e das vilas—entradas de meia-lua, para que as carruagens pudessem al voltar, mas de muros ostensivamente altos e de portões bastante largos e totalmente tapados para que nada se visse para o interior.

E como se isso não bastasse, terá vindo dessas épocas—ou, talvez, melhor, dos fins do século XVIII—o costume de «coroar» os muros com pedaços de vidro e testos de garrafas, para que o acesso, a ocultas, da propriedade, ainda mais difícil se tornasse—costume que constituiria uma das notas mais antiestéticas e mais desagradáveis que podíamos presenciar.

Apenas no século passado, os proprietários das casas maiores e dos jardins anexos terão sido menos egoístas, colocando gradeamentos de ferro nas frentes de umas e de outros para que quem passasse tivesse a possibilidade de alargar as vistas. Ainda assim, porém, o acesso continuou dificultado e vedado. Nos gradeamentos e nos próprios portões, os varões de ferro terminariam em

## Muros, Grades e... Leões

pele  
Dr. Francisco Carreiro da Costa

lança, semelhando uma fila de soldados de baioneta calada, defendendo a propriedade.

Os próprios jardins ou passeios públicos acabariam por ser dotados desse sistema de vedação, limitando as horas de desfrute das suas sombras e das suas frescas. Lembremos, por exemplo, de recintos que contam apenas escassos sessenta ou setenta anos e que não deixaram de ser munidos de gradeamentos desse género.

Nos últimos decénios, nas moradias isoladas que se têm construído, os muros circundantes perderam altura, mas muitos dos proprietários respectivos ainda não perderam de todo o receio de lhes invadirem os jardins, coroando as banquetas com teorias de arame farpado ou formando sebes vegetais com plantas de espinhos, como buganvílias, piracantas, aloés, etc.

O tema tem que se lhe diga, pois, inclusivamente, nos estabelecimentos comerciais, os sistemas de defesa se modificaram muitíssimo. Há quarenta anos, ou, mesmo, há trinta anos, não havia loja ou armazém que não corresse todos os dias os seus pesados taipais de madeira ou de chapa ondulada, nem mostra que não dispusesse de um grosso varão de metal para evitar a aproximação do vidro. Agora, já muito poucos dispõem desse sistema de ocultação e de defesa—o que não deixa de constituir um sinal de progresso e de confiança.

Não deixa de vir a propósito anotar que a presença, em certas entradas de prédios, de estatueta de cerâmica representando de preferência leões e cães, era em certa medida um meio de defesa, embora elemento decorativo também. E senão vejamos:

Em primeiro lugar, devemos lembrar que isso de ornamentar as entradas das moradias e dos jardins, com estátuas e baixos-relevos, representando animais ferozes e entidades mitológicas, já vem da remota Antiguidade. Os monumentos egípcios, babilónicos, gregos, romanos, etc., eram pródigos em elementos dessa natureza, pois não seriam aí colocados como simples motivos de decoração mas sobretudo por razões de ordem religiosa e supersticiosa. Procurariam dispor, através de tais elementos, de poderosos agentes de defesa do lar contra os importunos e, também, contra os espíritos maus.

Uma tal tradição, embora já em parte destituída do seu significado primitivo, veio quase até ao presente século. Dos séculos XVI, XVII e XVIII, por exemplo, vamos encontrar, em apreciável número, diversos templos açorianos com fachadas, pórticos, gárgulas, etc., contendo animais e entidades mitológicas. Nalgumas gárgulas das igrejas de S. Miguel, de Vila Franca do Campo, de S. Sebastião e de Ponta Delgada poderemos ver ainda as figuras de leões, assim como no precioso ja-

nelão da Ermida de Santo António, da Rua do Melo, da mesma cidade, duas lindíssimas series de pedra.

Ainda agora, as conhecidas *pombinhas* existentes nos ângulos dos beirais de muitos telhados não são mais do que uma reminiscência do antigo culto fálico.

O costume de colocar leões de louça policromada nos portões de muitas entradas deverá ter as suas raízes nessas velhas superstições, embora não queira parecer que ele se terá intensificado no século passado por influência de portugueses, e, no caso dos Açores, de açorianos ricos e remediados, regressados do Brasil.

Gilberto Freire, por exemplo, deixou-nos preciosas informações a esse respeito na sua obra *Sobrados e Mucambos*:

«Dentro das paredes grossas dos sobrados não nos esqueçamos de que se enterrava diabinheiro, ouro, jóias—valores cobigados pelos ciganos, pelos ladrões, pelos malandros.

«Daí a fisionomia um tanto severa dos sobrados: seu aspecto quase de inimigo da rua; os cacos de garrafas de seus muros; as lanças pontuadas nos seus portões e das suas grades de ferro...; a grossura das suas paredes; sua humidade por dentro; seu ar abafado; sua escuridão; o olhar zangado das figuras de dragão, de leão, ou de cachorro nos umbrais dos portões, defendendo a casa da rua, amedrontando os moleques que às vezes se afoitavam a pular o muro para roubar fruta ou simplesmente sujá-lo...»

Ora, isso que se registou no Brasil, observou-se também no Continente e nos Açores e, precisamente, nas casas de alguns brasileiros que conhecemos—portões de ferro, com certa monumentalidade, e com umbrais de pedra lioz trabalhada; maçanetas de porcelana e de vidro nas varandas, leões e cães acoroados junto das varandas, etc., etc.

Já Ramalho Ortigão, falando de Viana do Castelo, assinalara «a propriedade brasileira pintada de amarelo, com dois cães de fainça e as maçanetas de vidro nas varandas». (*As Farpas*, I).

Ainda no final do século passado, o gosto por essas estatuetas e maçanetas seria de tal ordem que os próprios fundadores das fábricas de cerâmica da vila micalense da Lagoa—todos vindos de Vila Nova de Gaia—não se esqueceram de as incluir na lista dos seus produtos, legando-nos trabalhos de muito apreço.

A ponto de, ainda hoje, muitos gostarem de pôr de guarda a suas casas leões e cães de língua de fora, e até pombas e cegonhas, para atemorizar grandes e pequenos e também para enfeite.

O que, francamente, não achamos mal, pois que as cautelas, como os gostos, não se discutem.

INDISPENSÁVEL EM TODAS AS CASAS

# Manual de Medicina Doméstica

pelo Dr. SAMUEL MAIA  
Médico dos Hospitais de Lisboa

6.ª EDIÇÃO

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

**INDISPENSÁVEL A TODA A GENTE**

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica** é guia, é conselheiro indispensável para esse efeito. Nesta obra incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre**, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc.; enfim, esclarece uma infinidade de casos em que a aflicção e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

*Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a toda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta*

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITÁRIO — SOCORROS DE URGÊNCIA

EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

## Manual de Medicina Doméstica

É assim, quando na ausência de médico, por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência, ou na sua falta, como no interior, e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMÉSTICA**, nele se encontrarão todos os conselhos, todas as indicações quer se trate de uma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

**Regra de bem viver para conseguir a longa vida**

1 vol. de 992 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 75\$00**

**Pedidos à LIVRARIA BERTRAND**

LISBOA — Rua Garrett, 73-75

